



A Produção Cultural na Periferia de Terra Vermelha¹

Fábio MALINI²

Michelli POSSMOZER³

Universidade Federal do Espírito Santo

RESUMO

Este artigo compreende a análise da produção cultural na região da Grande Terra Vermelha, uma das periferias do município de Vila Velha, ES, e a forma de organização e estratégia das redes de produção cultural relacionando a ação desses produtores à elaboração de políticas públicas que visam a ampliar o acesso dos jovens à cidadania e a combater a cultura da violência.

PALAVRAS-CHAVE: produção cultural; comunicação; política; periferia; cidadania.

Introdução

Williams (2000) ressalta que a cultura é comumente sentida como as artes e o trabalho intelectual do homem. Nessa lógica de pensamento, a música, o teatro, a dança e a internet são expressões culturais que, no contexto da periferia, geralmente permeado pela violência e pela marginalização, tornam-se agentes transformadores daquela realidade local. Numa tentativa de se tornar protagonista no lugar de uma cultura da violência, a cultura da comunidade com seu próprio modo de organização (CANCLINI, 1997) toma forma e se configura como presente no cotidiano das escolas, dos espaços públicos, das feiras de bairro, além de adentrar a casa das pessoas. Seguindo a dinâmica de ocupação das cidades, a periferia adquire uma dimensão não apenas geográfica que lhe é peculiar, como também atinge uma proporção social que vai refletir na elaboração de políticas públicas potenciais cuja finalidade é amenizar as questões sociais trazidas devido à configuração de uma “cidade partida” (VENTURA, 1994).

Nessa conjuntura de elaboração de políticas públicas surge um novo modo de fazê-las e de executá-las, discutido por Molina in Brittes & Mello (apud Malini, 2000) a partir da

¹ Trabalho apresentado no IJ 08 - Estudos Interdisciplinares da Comunicação do XV Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sudeste realizado de 13 a 15 de maio de 2010.

² Orientador do trabalho. Professor do Curso de Jornalismo do DCS - UFES, email: fabiomalini@gmail.com.

³ Estudante de Graduação 7º. semestre do Curso de Jornalismo do DCS - UFES, email: michelli.jornalista@gmail.com



lógica de uma comunicação descentralizada. Com base desse conceito, o autor ressalta a ascendência de novos atores sociais, que passam a criar medidas antes desempenhadas apenas pelo poder estatal. É aí que entram em cena as Organizações Não Governamentais (ONG's) e os coletivos culturais, os quais formulam e executam ações coletivas na periferia voltadas para a garantia dos direitos sociais de determinada comunidade. Inserido nesse contexto, este artigo compreende a análise da organização e de estratégias de produção cultural na Região da Grande Terra Vermelha, atualmente denominada Região 5 - uma das periferias pobres existentes no município de Vila Velha/ES, composta por 22 bairros e nove localidades rurais. Para finalidade desta pesquisa, foram contemplados apenas aqueles locais em que há concentração de atividades culturais. São eles: Barra do Jucu, Terra Vermelha, Normília, Brunela, Cidade da Barra, Ponta da Fruta e João Goulart.

Metodologia

A escolha da Região da Grande Terra Vermelha como objeto de estudo foi o seu enquadramento na classificação estatística de pobreza adotada pelos principais órgãos de pesquisa nacional como IBGE e IPEA, em que são considerados pobres aqueles territórios cuja renda média familiar per capita dos seus domicílios é igual ou menor que $\frac{1}{2}$ salário mínimo. Desta forma, os bairros estudados, portanto, tiveram que conter mais de 51% de seus domicílios com esse padrão de renda populacional⁴.

A pesquisa apropriou-se dos métodos qualitativo e quantitativo para o mapeamento das atividades culturais, que se deu por meio da aplicação de questionário, composto em sua maioria por questões fechadas, e subdividido em três blocos de perguntas (Perfil da organização, Cultura e Comunicação). Foi realizada ainda, aplicação de técnicas de ordem apenas qualitativa, como a observação e a entrevista em profundidade com os principais atores/instituições em torno do universo pesquisado. No total, foram identificados 26 produtores culturais, que possibilitaram a aplicação de 26 questionários e oito entrevistas em profundidade.

Considerações Iniciais

4 Uma casa com 6 pessoas para ser classificada como pobre deverá ter um renda familiar de até R\$ 1.140,00. Este valor dividido por 6 é igual a R\$ 190,00 (metade do salário mínimo vigente).



Ao se discutir sobre cultura, não há um consenso sobre a sua definição. Contudo, para a compreensão deste estudo, pode-se recorrer ao pensamento de Geertz (1989) acerca da cultura, “[...] Acreditando como Max Weber, que o homem é amarrado a teias de significação que ele mesmo teceu, assumo a cultura como sendo essas teias” (1989, p. 4) as quais são, em grande parte, “sobrepostas ou amarradas umas às outras”. E ainda “simultaneamente estranhas, irregulares e implícitas” (1989, p. 7). Partindo do princípio semiótico para definir a cultura quando o próprio autor fala em “teias de significação”, ele quer dizer que a cultura não pode ser encarada como homogênea, nem singular, visto que cada ser humano – com sua particularidade – produz conceitos divergentes. Além disso, a cultura é vista como produto das ações do próprio homem, sendo esse fruto resultado de um processo dinâmico e carregado de significados. Para dialogar com Geertz, David Schneider (apud LARAIA, 2008, p.63) diz que “Cultura é um sistema de símbolos e significados”, de modo que cada povo possui na sua cultura a sua particularidade. Williams (2000) também afirma a cultura como um “sistema de significações” por meio do qual uma ordem social é comunicada, reproduzida, vivenciada e estudada. Dessa maneira, o autor insere o processo de comunicação na cultura quando define

[...] cultura como “atividades artísticas e intelectuais”, embora estas, devido a ênfase em um sistema de significações geral, sejam agora definidas de maneira muito mais ampla, de modo a incluir não apenas as artes e as formas de produção intelectual tradicionais, mas também todas as “práticas significativas” – desde a linguagem, passando pelas artes e filosofia, até o jornalismo, moda e publicidade – que agora constituem esse campo complexo e necessariamente extenso.” (WILLIAMS, 2000, p. 13)

Desse modo, de acordo com Williams (2000) a comunicação e as suas vertentes também se apropriam do campo da cultura, significando que as mídias alternativas e as diferentes linguagens produzidas na periferia constituem expressões culturais que nascem de um modo de organização que é próprio daquele povo (CANCLINI, 1997). Jesus Martin Barbero (apud FREITAS, 2007) reforça a ideia de Williams, pois reflete que os estudos da comunicação não devem recair sobre as suas especificidades, mas sobre o lugar em que a comunicação reside no campo da cultura.

Comunicação: a descentralização e o surgimento dos atores sociais



Malini (2000) discute baseado na visão de Brittes (1997) a respeito da democratização da comunicação, que se deu a partir da década de 70 com a insurgência de movimentos que reivindicavam um processo comunicacional mais equilibrado e livre, que tivesse a participação popular. O autor explica que na década de 80 a Política Nacional de Comunicação (PNC) foi reformulada e intitulada Comunicação Alternativa para o Desenvolvimento Democrático (CADD). Alfonso in Brittes & Mello (apud Malini, 2000) aponta que para pensar a política de comunicação de forma democrática e visando à participação popular, é preciso que ela tenha alguns princípios norteadores, como não centralizar a comunicação na vontade de um governo, não valorizar as tecnologias em detrimento do ser humano e a intervenção do povo na condução dessa política. Partindo desse novo modelo de comunicação, procura-se redefinir os modos de formulação das políticas públicas, que é discutido por Molina in Brittes & Mello (apud Malini, 2000) ao estabelecer a “Comunicação sem Centro” como um conjunto de medidas que controla, planeja e executa os recursos de comunicação do Estado. O autor infere que esse modelo possui dois campos: (1) a descentralização da comunicação e (2) a descentralização do planejamento da comunicação. E é nesse processo de democratização que surge a ideia de atores sociais, de maneira que a comunicação não se restringe apenas à ação do Estado. A partir desse momento, a elaboração de políticas públicas não segue mais uma hierarquia de planejamento e execução e as organizações mediadoras e os movimentos sociais passam a participar também desse processo.

Perfil das Instituições/Grupos Pesquisados

Quanto ao perfil das instituições, 46% dos entrevistados são lideranças em grupos socioculturais ou artistas locais e 23,1% correspondem a projetos governamentais, abarcados pelas esferas municipal, estadual e também federal. Com 15,4% estão representadas as instituições educacionais e com 11,5% as Organizações Não-Governamentais (ONG's) e as Organizações da Sociedade Civil com Interesse Público (OSCIP's). E em menor percentual estão as fundações e empresas, que representam 3,8% do universo pesquisado. (Vide gráfico 1)

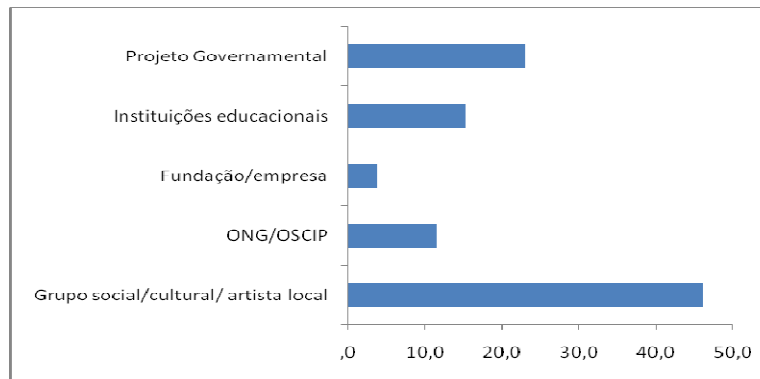


Gráfico 1 – Tipo de organização.

Ao analisar o período de atuação dos produtores culturais na periferia da Região da Grande Terra Vermelha, é possível perceber que, de maneira geral, essa atividade é recente, pois 57,7% das organizações mapeadas possuem de 1 a 5 anos existência e 7,7% estão em estágio de formação – com menos de 1 ano. As instituições com 6 a 10 anos de atuação somam 11,5%, enquanto aquelas com mais de 11 anos de existência totalizam 23,1%. (Vide gráfico 2)

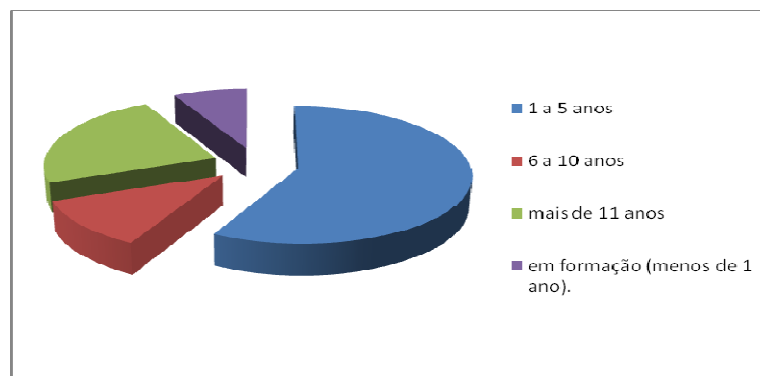


Gráfico 2 – Tempo de existência da organização

É relevante ressaltar a relação existente entre o tempo de atividade e o tipo de organização. Isso porque aquelas iniciativas inferiores a cinco anos partiram, em grande maioria, de grupos coletivos, dos projetos governamentais e das instituições educacionais, as quais abarcam o programa Escola Aberta, que foi para a região em 2004. (Vide gráfico 3)

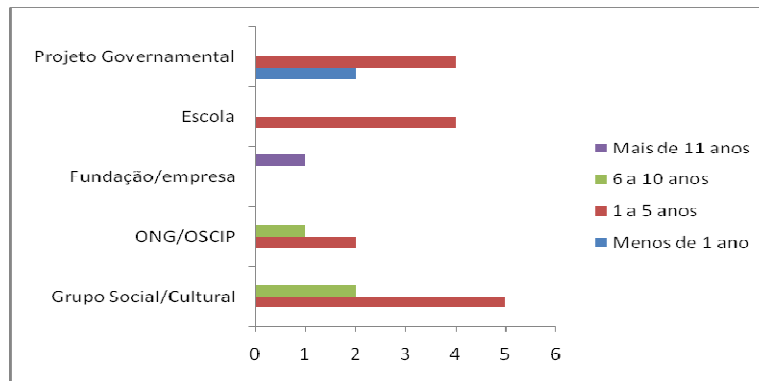


Gráfico 3 – O tempo de existência X tipo de organização

No gráfico acima, observa-se também que as ações do Governo da região são bem recentes, pois dos seis projetos governamentais desenvolvidos em Terra Vermelha, dois ainda estão em fase de formação (menos de 1 ano) e o restante possui menos de 5 anos. Na região estudada, observou-se que há precariedade no que diz respeito à estrutura. 42,3% declararam possuir sede própria, sendo que estão inclusos aqui, sobretudo, as instituições formalizadas, como as ONG's, as OSCIP's e as empresas ou fundações, e alguns grupos socioculturais – tendo em vista que muitos utilizam a própria residência do líder no grupo como sede. Já na situação em que o espaço é alugado ou cedido, encontram-se 50% dos entrevistados, cuja representação é dada pela maioria dos grupos socioculturais e pelo programa Escola Aberta – visto que ocupa as próprias escolas municipais e estaduais. 7,7% não possuem sede própria, que é o caso, por exemplo, do bloco carnavalesco, que utiliza os espaços públicos para a execução das suas atividades. Nessa região, a maioria das manifestações culturais é coordenada por um menor número de pessoas. Dos 26 líderes culturais entrevistados, 19 deles declararam que até cinco pessoas fazem parte da gestão, o que representa em torno de 73%. O restante afirmou que 6 a 10 pessoas participam da administração das instituições.

Produção Cultural na Periferia: Uma Análise da Região de Terra Vermelha

Dos 26 entrevistados, 100% deles declararam trabalhar com cultura. Ao analisar o porquê de tal motivação, 26,9% dos líderes culturais acreditam que com a utilização dessa ferramenta podem proporcionar “conhecimento e uma nova característica para a comunidade”. Como a região é muito carente de espaços culturais, esses produtores observam que essa deficiência leva à desmotivação da comunidade em participar das atividades culturais. Impulsionados em amenizar a cultura da violência, 15,4% querem “tirar as crianças e os jovens da rua”, pois presumem que, fazendo isso, vão preencher o



tempo ocioso desse público com as atividades culturais, evitando a influência do tráfico de drogas. Outros 15,4% estão à frente da organização simplesmente pelo “interesse em se envolver com as atividades culturais”, na medida em que muitos já possuem um histórico cultural. Em menor proporção estão os outros motivos que são “facilitar o acesso do jovem à cidadania”, “trabalhar a cultura na sala de aula” e “promover mudança de mentalidade e de comportamento”, causas essas que, isoladamente, atingem 7,7% dos entrevistados. É possível perceber que por trás dessas falas existe a fé de que a cultura é uma porta de entrada para o ensinamento de valores sociais, como a educação, a cidadania e o respeito. Sobre essa influência da cultura esclarece Laraia (2008, p.8) quando diz que “a cultura influencia o comportamento social e diversifica enormemente a humanidade”. Também com 7,7% está a razão de possuir “afinidade com a música”. Esse discurso representa aqueles que já são músicos e que acreditam que esse produto cultural tem um poder grande de socialização entre os jovens, ampliando os seus horizontes. Com uma abordagem mais específica, 3,8% dos produtores admitiram que “a motivação está no sangue”. Esse é o posicionamento do líder do Bloco Surpresa, tradicional na região e que há anos agita os carnavais da Barra do Jucu. O entrevistado, emocionado, relembra que desde criança ia com a sua família para as ruas na época no feriado de carnaval e que essa paixão pela cultura vem de berço. Com 3,8% segue a razão de “não deixar a cultura do congo morrer”. Ritmo muito característico na Barra do Jucu, o congo impulsionou a inserção dos jovens nesse circuito e a multiplicação de bandas com o intuito de não permitir que essa cultura se perca. Por fim, 3,8% dos entrevistados não sabem ou não responderam (NS/NR) o porquê de trabalharem com cultura.

No que diz respeito às atividades culturais que são desenvolvidas, destacam-se a música (27,12%) e a dança (20,34%). Essas expressões estão presentes em grande parte das esferas culturais, seja nas oficinas de Escola Aberta, nas Ong's e nos grupos de dança da comunidade. Nesses espaços, a música está mais relacionada aos ritmos do hip hop – bastante difundido na região – e ao congo – tradição cultural na Barra do Jucu. Veja o gráfico a seguir.

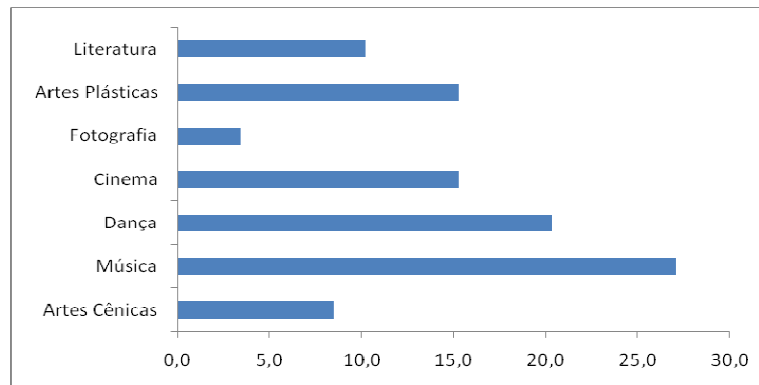


Gráfico 4 – Atividades culturais desenvolvidas na região da Grande Terra Vermelha

A literatura, com 10,17% referem-se às rodas de leitura promovidas em algumas instituições, como CMC, que abriga o Programa Casa Brasil, e também ao funcionamento da própria organização como biblioteca comunitária, já que os moradores não podiam pegar livros pela ausência desse tipo de serviço na região por parte das instituições escolares. A literatura também está presente em alguns programas de Escola Aberta, que tentam incentivar a leitura em crianças, em adolescentes e em jovens. As artes plásticas (15,25%) são atividades artesanais desenvolvidas em oficinas de Escola Aberta e aquelas executadas por artistas locais. A fotografia com o menor índice (3,39%) é uma atividade oferecida por organização de caráter mais institucional, como o Programa Casa Brasil, do Governo Federal, e é ministrada por meio de oficinas. Acredita-se que a falta de recursos, como máquinas fotográficas e estúdio especial para o tratamento das fotos, é um indicativo para a baixa incidência dessa atividade. A atividade audiovisual, com 15,25%, consiste em filmes que são passados para as crianças nas oficinas e em cineclubes, que levam entretenimento para toda a comunidade interessada em participar. E as artes cênicas (8,5%) consistem em exercícios teatrais feitos nas oficinas com o objetivo de entreter e desenvolver a percepção das crianças.

No que concerne à apresentação das atividades, elas são apresentadas em grandes circuitos, em circuitos governamentais, comunitários, particulares, universitários, escolares e até fora do Estado. Observe o gráfico a seguir.

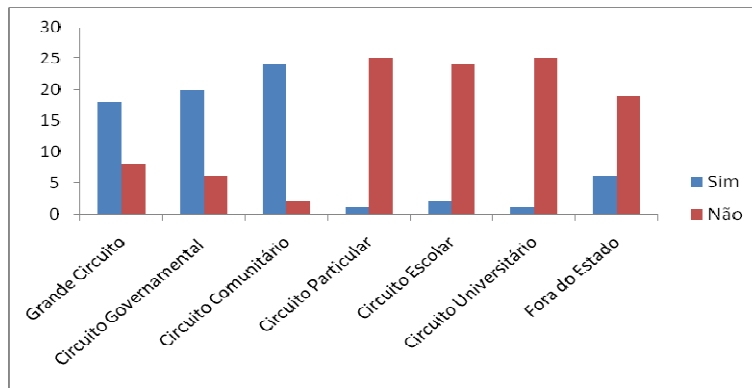


Gráfico 5 – Espaços onde são apresentadas as atividades

No gráfico anterior vê-se que o circuito governamental – eventos produzidos nas esferas municipal e estadual – o circuito comunitário – programações feitas na própria comunidade – e o chamado grande circuito – feiras e exposições – são aqueles onde as atividades são apresentadas em maior escala. As atividades que são apresentadas fora do estado dizem respeito, principalmente, às bandas e artistas locais. Embora o circuito escolar seja bastante utilizado para a produção de atividades, geralmente a produção é exibida ou apresentada em feiras e exposições e em eventos que são promovidos na comunidade. No que diz respeito ao envolvimento da população nessas atividades, a maioria das expressões culturais abarcam acima de 120 pessoas (38,5%). Esse quantitativo representa os blocos carnavalescos, que demandam grande parte da comunidade para a organização dos eventos e confecção das fantasias, e as bandas de congo, que tem uma repercussão muito grande na comunidade, de modo que várias pessoas participam dos eventos promovidos por esses grupos. (Vide o gráfico 6).

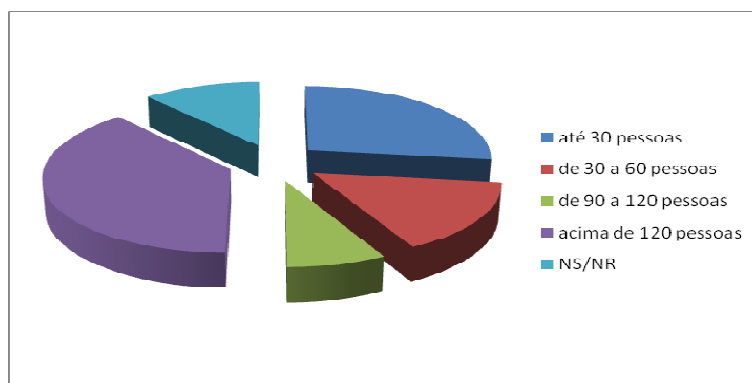


Gráfico 6 – Proporção de pessoas que participa das atividades culturais



Os outros percentuais expressivos apresentam uma quantidade menor de participantes, tendo em vista que a maior parte das atividades na região é dada em oficinas e essas, por serem oferecidas em espaços limitados, têm o número de pessoas reduzido. Os profissionais atuantes nas atividades culturais são profissionais de dança, de artes cênicas, músicos, artistas plásticos, profissionais de letras, entre bibliotecários e pedagogos, sendo esses três últimos, os responsáveis pelas atividades de leitura e de reforço escolar. Também há aqueles que se denominaram “pessoas ligadas às manifestações culturais” – pessoas da comunidade que muitas vezes não tem nem o ensino médio completo, mas que cresceram no meio da cultura e se sentem qualificadas para aplicar determinada atividade. Quando se denominam profissionais, em especial nas instituições educacionais, não significa que tenham diploma na área, mas sim que são ainda estudantes, ou exercem a atividade há tanto tempo que se sentem qualificados. Os profissionais diplomados estão mais concentrados nas instituições de Administração Governamental.

Quando foi perguntado aos entrevistados se eles acreditam que a sua atividade modifica a realidade da comunidade, 96,2% responderam sim. Entre as justificativas das respostas, 26,9% disse que “as atividades culturais produzem reflexões que permitem uma mudança no comportamento das crianças e isso diminui a possibilidade dela ficar na rua”. Muitos líderes culturais relataram que jovens e crianças ficaram mais disciplinados depois que passaram a frequentar as oficinas, tomaram uma postura mais correta quanto ao cuidado com o ambiente, de forma que eles têm mais zelo com os equipamentos que utilizam. 19,2% pensam que a sua atividade “permite valorizar a cultura da comunidade e tornar essa mais participativa”. Observa-se na fala desses entrevistados que o apego às tradições, em especial a do congo, é bem expressiva, de modo que os líderes culturais incentivam cada vez mais os jovens para que esses não permitam que essa tradição se perca. Também é perceptível a valorização do hip hop, pois os que estão à frente desses movimentos dizem que as letras das músicas são capazes de influenciar o jovem e tirá-lo da criminalidade. 11,5% acreditam que as atividades culturais “fazem as pessoas se sentirem mais animadas”. Esses líderes relatam que as oficinas educacionais e artísticas resgatam sonhos nos jovens que antes estavam enterrados, como o sonho de estudar e ser um bom profissional, pois muitos que tinham desistido dos estudos voltam a estudar devido ao incentivo das instituições. Outros 11,5% relatam que nas oficinas “os jovens aprendem a se relacionar e a trabalhar



em grupo”. Além disso, esses líderes falam que quando os jovens aprendem a se relacionar melhor no seu meio social, a sua autoestima também é beneficiada. E mais 11,5% pensam que a atividade “possibilita a profissionalização e auxilia na renda”. Muitos jovens iniciam uma atividade cultural e se identificam, a partir dali passam a serem multiplicadores, a ministrar oficinas em outros espaços e acabam ganhando uma renda extra. Para esses produtores culturais, esse passo é muito importante na vida do jovem de periferia. 7,7% acreditam que “o jovem modifica a sua visão” quando tem acesso ao universo cultural.

O Processo da Comunicação

Os entrevistados, ao serem questionados sobre o relacionamento com outros produtores culturais da região, a maioria deles (84,6%) declarou estabelecer uma rede de contato com pessoas ou instituições que mantem uma atividade afim na região. Para eles, a rede de relacionamento na periferia é muito importante, pois, como os recursos são limitados, há dificuldade na realização de uma atividade de abrangência maior, e para conseguir executá-la precisam se unir a outras organizações para, juntos, realizá-la. E o próprio espírito comunitário de união também impulsiona esse contato. Entre as instituições mais citadas como aquelas as quais sempre é estabelecido contato estão as bandas e artistas locais (42,3%) – pois sempre são convidados a se apresentarem nos eventos promovidos na comunidade – a Casa da Cultura (19,2%) – visto que muitas programações acontecem nesse espaço devido à estrutura do local – o programa Escola Aberta (7,7%) – muitas atividades são realizadas em parceria com os oficinairos – o programa Casa Brasil (7,7%) – na medida em que é parceiro de outros produtores culturais na região – e as escolas (3,8%), que muitas vezes cedem o espaço físico para a realização das atividades. Veja o gráfico a seguir.

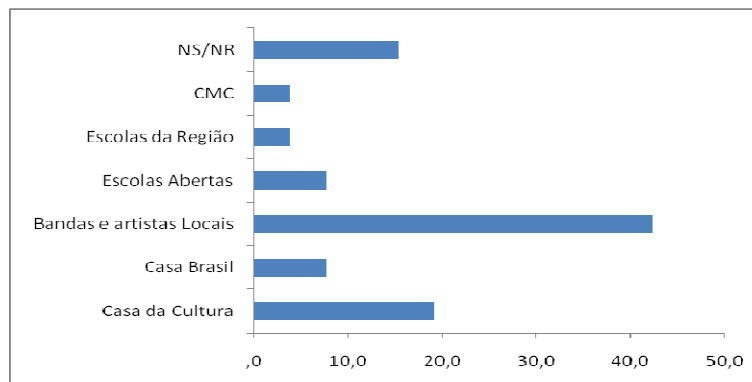


Gráfico 7 – Instituições mais contactadas

O relacionamento entre as organizações da região é mantido em grande parte por meio de programações que são realizadas em conjunto (37,1%). Em seguida, com o segundo maior percentual está o estabelecimento de parcerias (22,2%), que se dá com a implantação de políticas culturais apoiadas pela instituição parceira. O contato também é mantido por meio da promoção de atividades (11,1%) com o intuito de promover oficinas para a comunidade, bem como a troca de ideias (11,1%). Além disso, o contato é mantido por meio da concessão de espaço (7,45), que geralmente é cedido pela instituição que possui a infraestrutura – Ong's, Programas do Governo – para as bandas e artistas locais, aqueles que normalmente carecem desses espaços para a execução de suas atividades. Veja o gráfico 8.

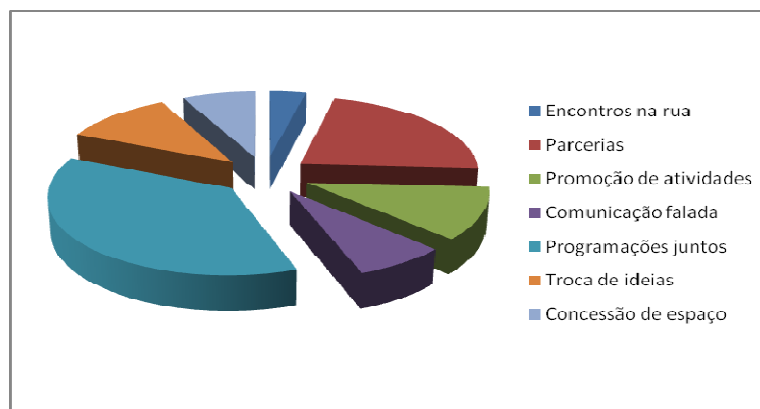


Gráfico 8 – Como é feito o contato

Na região da Grande Terra Vermelha, a incidência das organizações que possuem veículos de comunicação próprios (38,5%) é inferior em relação aquelas que não detem esses meios (57,7%), enquanto que 3,8% não se manifestaram a respeito dessa questão.

Ao analisar a ausência de mais veículos de comunicação autônomos na região, vê-se que a falta de recursos financeiros de pessoas interessadas (46,6%) é o maior motivo para tal questão. Em seguida, a ausência de estrutura e de planejamento (26,7%) e a falta de tempo (6,7%). Por fim, 20% dos entrevistados que não possuem veículos de comunicação próprios não se posicionaram a respeito. Entre a produção autônoma de comunicação na região, a mídia impressa (36,9%) e a internet (36,9%) são as que

alcançaram os maiores percentuais. Relacionado à mídia impressa estão jornais, fanzines, informativos mensais ou bimestrais e referentes à internet encontram-se os blogs, principalmente, e sites. Com 10,5% está a produção audiovisual e o cineclube, também com 10,5%. Além disso, documentário (5,2%) é produzido na região, a fim de resgatar a história do local. Veja o gráfico 9.

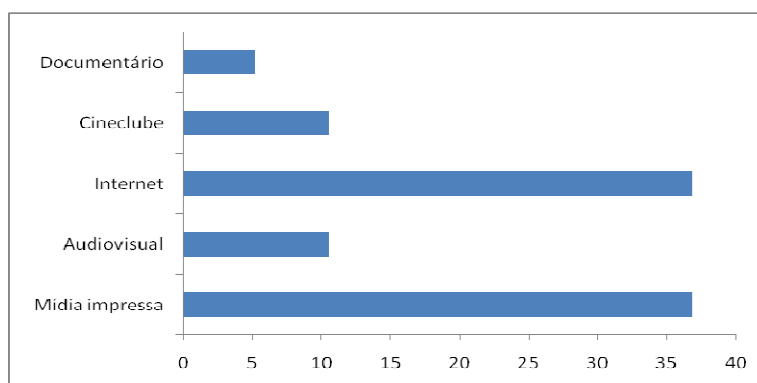


Gráfico 9 – Produção autônoma de comunicação na região da Grande Terra Vermelha

Peculiaridades nas Redes de Produção Cultural de Terra Vermelha

A fim de compreender melhor a rede de produção cultural na região, foram feitas entrevistas qualitativas com oito líderes em movimentos culturais de grande influência local. Nessas entrevistas, foi observado que a trajetória pessoal e profissional é muito importante para entender o envolvimento daquele líder na organização. A maioria dos entrevistados apresentou uma história antiga de envolvimento em projetos sociais ou de participação nas tradições populares, como o congo e bloco carnavalesco Surpresa.

As motivações já foram apresentadas no decorrer deste estudo, contudo, a coordenadora do Centro Marcelino Champagnat (CMC) descreveu uma razão bem específica, pois ela observou que “na região existem muitos afro-descendentes”. Ela conta que as crianças demonstravam certa dificuldade em assumir a sua “negritude”. Então, ao longo do desenvolvimento do trabalho na comunidade, a coordenadora procura incentivar as crianças a gostarem de si mesmas, com a organização de concursos de beleza negra, montagem de salão para elas se produzirem no dia do evento, e a valorização de ritmos como o axé, o samba e a capoeira. Ela relata que esse trabalho já traz bons resultados na medida em que as crianças tornaram-se mais disciplinadas, mais cuidadosas e zelosas com o ambiente e com o próprio corpo, além da mudança de mentalidade, que reflete



nas suas atitudes com a família e com os amigos. Outro ponto peculiar à região é que a maioria dos líderes comunitários são políticos ou envolvidos em campanhas eleitorais. O Dettmann, um dos coordenadores do grupo Terrazine, disse que é muito difícil unir as associações de moradores quando querem promover algum evento, pois “a maioria dos presidentes comunitários querem se candidatar a vereadores”. O produtor cultural relata que sempre em época de eleição é complicado para programar atividades porque as associações acabam por ficar sem presidentes ativos. O que acontece, segundo ele, é que designam outra pessoa para assumir a presidência, mas que essa não responde ativamente devido ao fato de não conhecer os problemas e as necessidades da comunidade.

Quando os entrevistados foram questionados sobre a relação entre cultura e o combate à violência, todos eles estabeleceram uma referência benéfica. O Thiago, um dos presidentes do grupo de hip hop Força Break, disse que a cultura “ajuda na conscientização”. Para ele, a letra das músicas do hip hop contribuem para uma mente mais saudável, fazendo com que a pessoa comece a olhar a vida sob outro prisma, sob a ótica da paz e não da violência. Já para o Eduardo, coordenador do Programa Casa Brasil, “a cultura é uma arma eficiente para combater a violência”, na medida em que “a cultura do conhecimento” amplia os horizontes do jovem e oferece caminhos de oportunidades. Segundo ele, os meios de comunicação podem ser importantes para a divulgação da cultura da paz, embora ele também acredite que, esses meios, muitas vezes, tenham sido aplicados de forma errônea na sociedade, incentivando a violência por intermédio de alguns programas, além da individualidade e do consumismo. Ainda nessa relação entre cultura e combate à violência, o Dettmann expressou-se de maneira muito significativa quando disse que “onde tem cultura, tem menos violência”. Ele cita o exemplo das favelas do Rio de Janeiro: “algumas favelas do Rio tinham muita violência devido ao tráfico de drogas e a partir do momento que as ONG’s começaram a aparecer e a injetar cultura, o tráfico não diminuiu, mas a violência diminuiu”. Ele quis dizer que, quando se investe em cultura, não significa que isso irá refletir diretamente nas estatísticas e/ou solucionar os problemas relacionados à criminalidade na região, no entanto, o desenvolvimento de atividades voltadas para a paz irá contribuir para a redução do número de jovens e crianças envolvidos em atividades ilícitas. Para a maioria dos entrevistados, um dos resultados gratificantes em trabalhar com cultura, além da mudança da realidade local, é ser reconhecido. A valorização da cultura local



perpassa pela razão de ter uma “identidade”, algo para mostrar à sociedade como uma produção que é autônoma, que nasce da própria forma de organização da comunidade.

Considerações Finais

Diante dos dados apresentados neste artigo, observa-se que grande parte dos movimentos de produção cultural que emergiu na região da Grande Terra Vermelha é recente, fato marcado por uma nova formulação da comunicação, que tomou uma proporção descentralizada. Nesse contexto, a função dos considerados atores sociais – antes vistos como consumidores e receptores – passam a participar da elaboração das políticas culturais, transformando-se em produtores de conhecimento, esse que é único e que parte da própria forma de organização da comunidade. Como é abordado por Faria (2003), o “trinômio consumidor-produto-espectador” torna-se “ criação/fruição-processo-participação” (2003, p.38). Vê-se, portanto, que o estereótipo social criado relacionando, muitas vezes, o jovem pobre à violência e à marginalidade é equivocado, na medida em que eles também se colocam como produtores culturais. Freitas (2007) ressalta que “A expressividade das redes de solidariedade [...] faz emergir, através dos recursos de mídia, vozes subalternizadas e invisibilizadas [...]” (2007, p. 197). Daí a importância da produção das mídias alternativas, que possibilitam a esses grupos, tidos como “minoritários”, visibilidade e reconhecimento.

REFERÊNCIAS

- CANCLINI, Nestor García. **Cultura y comunicación: entre lo global y lo local**. La Plata, Argentina, Universidad Nacional de La Plata, 1997.
- CANEDO, Daniele. **Democratização da Cultura**. Disponível em: <http://www.cult.ufba.br/maisdefinicoes/DEMOCRATIZACAODACULTURA.pdf>. Acesso em 4 de abril de 2010.
- FARIA, Hamilton. Políticas públicas de cultura e desenvolvimento humano nas cidades. In: ____ BRANT, Leonardo (org). **Políticas Culturais**. Vol. 1. Barueri: Manole, 2003.
- FREITAS, Ricardo Oliveira de. A periferia da periferia: mídias alternativas e cultura das minorias em ambientes não-metropolitanos. In: ____ **Caderno de Ciências Humanas – Especiaría**. V. 10, n. 17, jan/jul, 2007, p. 191-212.
- GEERTZ, Clifford. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: LTC, 1989.
- MALINI, Fábio. **Do Popular ao Virtual: a comunicação no espaço urbano de Vitória-ES**. 2000.
- VENTURA, Zuenir. **Cidade partida**. Rio de Janeiro: Ed. Schwarcz LTDA, 1994.
- WILLIAMS, Raymond. **Cultura**. São Paulo: Ed. Paz e Terra, 2000.